

Quora

🔍 Pesquisar perguntas, pessoas e tópicos



Literatura brasileira contemporânea

Vamos conversar sobre os autores que pensam a contemporaneidade?



Vivian De Moraes 

Jornalista · 18 de jun.

[RESENHA]

A tradutora, o poeta, o café e a pandemia

Não estou mais convivendo com pessoas, que de fato não existem mais, mas com narradores [...]



Outubro de 2022. Mais de 120 mil mortos no Brasil pela pandemia. Em Curitiba, depois de meses em confinamento, a tradutora Beatriz decide trabalhar ao ar livre, na Café & Livros. Trocou amabilidades com Sueli, a garçonete do local, que lhe avisou que ali havia um espaço para leitura. Mas nada de espaço interno. Beatriz se dá por contente por ter uma mesa na calçada, onde possa trabalhar naquela manhã com segurança. Mas nem tudo sai como se espera.

E o que ela não esperava era um invasor. Um homem de 25 anos se aproximou dizendo: "Com licença! Ou, melhor dizendo, bom dia!" Eis que surge o poeta da trama. Ela está com 40.

Ele é simpático, mas irritante. Insiste em mostrar, com as mãos levantadas, que não pretende se aproximar além da distância regulamentar dos dois metros, que ficará em pé o tempo todo em que estiver ali e mostra a máscara evidente.

Seu nome é Gabriel. Sua mãe, Gabriela. O do pai ele não revela: é um famoso jornalista de debates na tevê, que teve a sorte grande de ganhar na loteria. Gabriela, mesmo separada dele, teve sua fatia na fortuna, assim como Gabriel. Ele se define como um poeta. E o pai, quando ganhou a bolada, o conquistou de vez, dizendo: "Você é um poeta" – mas para ditar uma série de comportamentos, o que o ingênuo Gabriel parece não ter percebido, tão submisso. Ele não é um rebelde. Até estudou Jornalismo, em lugar de Letras, como preferia o pai.

O poeta passa a ser constante no mesmo café e no mesmo horário, todos os dias, para conversar, ou melhor, para explicar para Beatriz coisas importantes de sua vida. Por exemplo, para lembrá-la de que ela tinha sido professora na sua adolescência. Mas, como disse, ele é irritante. Não é crível que uma mulher que leia *Beatriz e o poeta*, de Cristovão Tezza (Todavia, 2022, 188 pp.) não se incomode com ele, pois ele parece um stalker, mesmo sendo sempre gentil. Mas Beatriz não tem apenas esse problema a resolver. No momento, está traduzindo um livro de sociologia de um escritor catalão, Filip Xaveste, e ambos sempre criam desculpas para se falarem via Zoom. Há um interesse ali, e Xaveste passa a convidá-la para conhecê-lo na Espanha. Depois da passada a pandemia, claro.

Assim, a vida afetiva de Beatriz vai ganhando muitos e novos contornos. O poeta, sempre a uma distância de dois metros, e sempre lendo seu Kafka (*Carta ao pai?*) no estande de livros a esperá-la, vai ficando cada vez mais audacioso, ao mesmo tempo em que demonstra toda a sua fragilidade como homem, pois passa o tempo todo a falar do pai, elogiando seus conselhos, com intenção de segui-los, exceto um: "não se apaixone".

Um dia, Beatriz encontrou debaixo de sua porta um envelope branco em diagonal na sua porta.

Voto de silêncio

.....Para Beatriz

Ela decretou voto de silêncio:

"Muito barulho por tudo".

*

Um dia de cada lado, eu tenso

reflito, quieto e mudo.

*

Hora de parar. Vai fazer bem

ficar longe do que é bom

*

mas que, de fato, desfoca.

Consideremos, que sem

*

a presença dela, o som

da voz, essa aura que toca

*

minha vida é mais tranquila,

e talvez bela. Calado,

*

sair, sair pela vila

e à sombra, sem o malvado

*

sentimento que atormenta

e que, em um minuto,

*

some e volta e atenta

e contra o qual eu luto

*

com este voto de silêncio.

Não, não há ciência

*

que resolva, nada brilha.

E por mais que eu ande à toa

*

eu não vejo o fim da trilha

nem a paz sonhada e boa.

*

Você lá, eu aqui, ela disse

O que fazer? Eu obedeço.

Máscara, nariz e boca

tripla pandemia louca.

*

Basta porém mais um passo

e eu inteiro me esqueço:

*

a alma indócil é presa fácil.

Estou sempre por um triz

*

como quem desata um laço

fale comigo, Beatriz.

*

As coisas começaram, assim, a ficar mais sérias, e a cabeça de Beatriz, envaidecida, não parava. "Um Xaveste com a cabeça do Gabriel e sua sensibilidade de cristal. Não – é preciso misturar mais os dois. O sedutor é diferente do apaixonado. A vantagem do sedutor é que ele vê; o apaixonado é cego. A vantagem do apaixonado é que ele sente; o sedutor é frio. O que eu quero de um homem?"

Apesar de ter perdido ainda muito nova os pais e o irmão numa viagem de carro para fora de Curitiba (ela ficara na cidade), de um casamento que desmoronou e um ou outro caso mal resolvido, Beatriz, personagem de Tezza pelo terceiro livro, não se entrega a depressões e fossas. O fluxo de consciência tão bem desenvolvido ao longo do livro, seja mostrando a intimidade de Beatriz em terceira pessoa, seja nos monólogos de Gabriel, com quem vamos nos sensibilizando, nos propõe um jogo: o poeta, o catalão ou nenhum dos dois? Há ainda um colega de uma escola em que ela leciona (Usina) que vive a lhe mandar cantadas sutis sugerindo e enviando-lhe filmes. Por que ela precisaria de um homem, necessariamente? Talvez precisasse de mais, talvez precisasse de todos (ela tem uma amiga lésbica, Clarice; rolou um clima certa vez, mas não passou disso). Quanto ao Xaveste e ao poeta, sentiu-se, certa vez, amolecida pelo sol que adentrava sua janela, uma sensação ou sonho:

Tentou imaginar como seria o rosto de Gabriel sem a sua elegante máscara negra, que combina com a camiseta de boa marca, o logotipo acima do coração, e também com o casaco leve sempre aberto, um espírito casual cuidadoso, do preto ao cinza, e, em pé, na sua exata magreza, ele tinha a postura discretamente superior (até pela aura blasée de gentileza implícita) dos bem nascidos [...] e ele tentava se deitar no sofá ao lado dela, mas escorregava de volta ao tapete e se erguia de novo. As cabeças desajeitadas, ela deitada na horizontal, ele ajoelhado na vertical, se aproximaram para um beijo consentido, sim, foi consentido ela pensou, temendo ser injusta [...]

O beijo imaginário havia sido esquisito, eles não haviam tirado as máscaras; “venha para Barcelona, disse-lhe Xaveste do nada, destinado a salvá-la, e sentiu um alívio momentâneo, ao lado do elevador, mas você já vai?! Preciso avisar o Gabriel, ele está me esperando na sala [...], e na sua fantasia até um ex, apareceu puxando-a pelas escadas.

O livro, que, conforme dito no início, se passa no período da pandemia, também traz severas críticas ao governo brasileiro, na voz de suas personagens, como na passagem em que o pai se dirige ao poeta:

[...] o Brasil não pode se reduzir ao próprio umbigo, que é ridiculamente tacanho, ainda mais sob este governo imbecil, e é de uma imbecilidade de raiz que vai prosseguir por décadas, mesmo que perca o poder; não sei iluda; você tem que se preparar para o definitivo triunfo da estupidez nacional que vem pela frente. Essa parte não acaba nunca. [...] este é um governo com o Dom da Estupidez, um dom inesgotável e criminoso que transforma imediatamente em idiota quem o defende e em canalha quem o sustenta, num apodrecimento sequencial ininterrupto [...].

Outra tessitura importante vem do livro que Beatriz está traduzindo. Xaveste escreve, por exemplo, que:

a informalidade contemporânea, a contínua desconstrução implícita da gramática íntima das redes sociais, frases avulsas e desconexas invadindo a esfera político-institucional, trouxe à tona a pulsão inconsciente e o éthos apolítico, sentimental, da estrita vida pessoal. O gozo íntimo da perversidade, com o culto sociopata da violência, o orgulho da estupidez e o elogio da tortura, ganha o espelho narcísico e triunfante da praça pública porque ali encontra os seus iguais, todos transbordantes em busca da autorrealização sem anteparos que a internet permite.

Posto tudo isso, é possível perceber que *Beatriz e o poeta* é um livro ímpar, de mãos dadas com a nossa história hodierna, com uma narrativa instigante e impecável, que nos leva a querer ler cada vez mais, aprender com ele como Gabriel aprende com o pai e com o silêncio de Beatriz, mas, sobretudo, é um romance em que fatores políticos e sociológicos, embora expostos com todas as letras, não interferem na beleza e elegância da narrativa ou das narrativas. Cristovão Tezza desenhou esse livro com muita beleza e originalidade.

Vivian de Moraes

AVALIAÇÃO: EXCELENTE

73 visualizações · Ver votos positivos



3



Sobre o autor



Vivian De Moraes



Antigo Jornalista em Tribuna Imprensa - Araraquara/ SP 2005–2008



Graduação em Jornalismo (ensino superior), Universidade Estadual Paulista - UNESP Formou-se em 1998



Sabe sobre Francês



39,1 mil visualizações de conteúdo 2,8 mil este mês



Ativo em 1 espaço



Entrou em junho de 2021